

## Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

## Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

## Autor

### Octaviano Correia

Nasceu em 1940 no Lubango, Angola. Estudou no então Liceu Diogo Cão. Iniciou-se nas lides literárias nas páginas de jornais angolanos e como realizador do programa para crianças, "Parque Infantil", do Rádio Clube da Huíla (1967/1973). Membro fundador da União dos Escritores Angolanos, da Associação dos Escritores da Madeira e da Academia Angolana de Letras.

Na União dos Escritores Angolanos foi Secretário para as Actividades Culturais e Redactor da revista literária "Gazeta Lavra & Oficina". Foi Director do Instituto Nacional do Livro e do Disco de Angola de 1980 a 1981. Na Rádio Nacional de Angola realizou o programa para crianças "Rádio Piô", o programa "Onda da Manhã" e a rubrica de divulgação literária "Boa noite, Boa leitura". Tem 23 obras publicadas.

## Ilustrador

### Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

## Na Web

Sítio: [www.lerecontar.com](http://www.lerecontar.com)

Instagram: [@ler\\_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: [www.facebook.com/Ler-Contar](https://www.facebook.com/Ler-Contar)

## Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego, Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Octaviano Correia

Concepção Gráfica: Samuel Rego

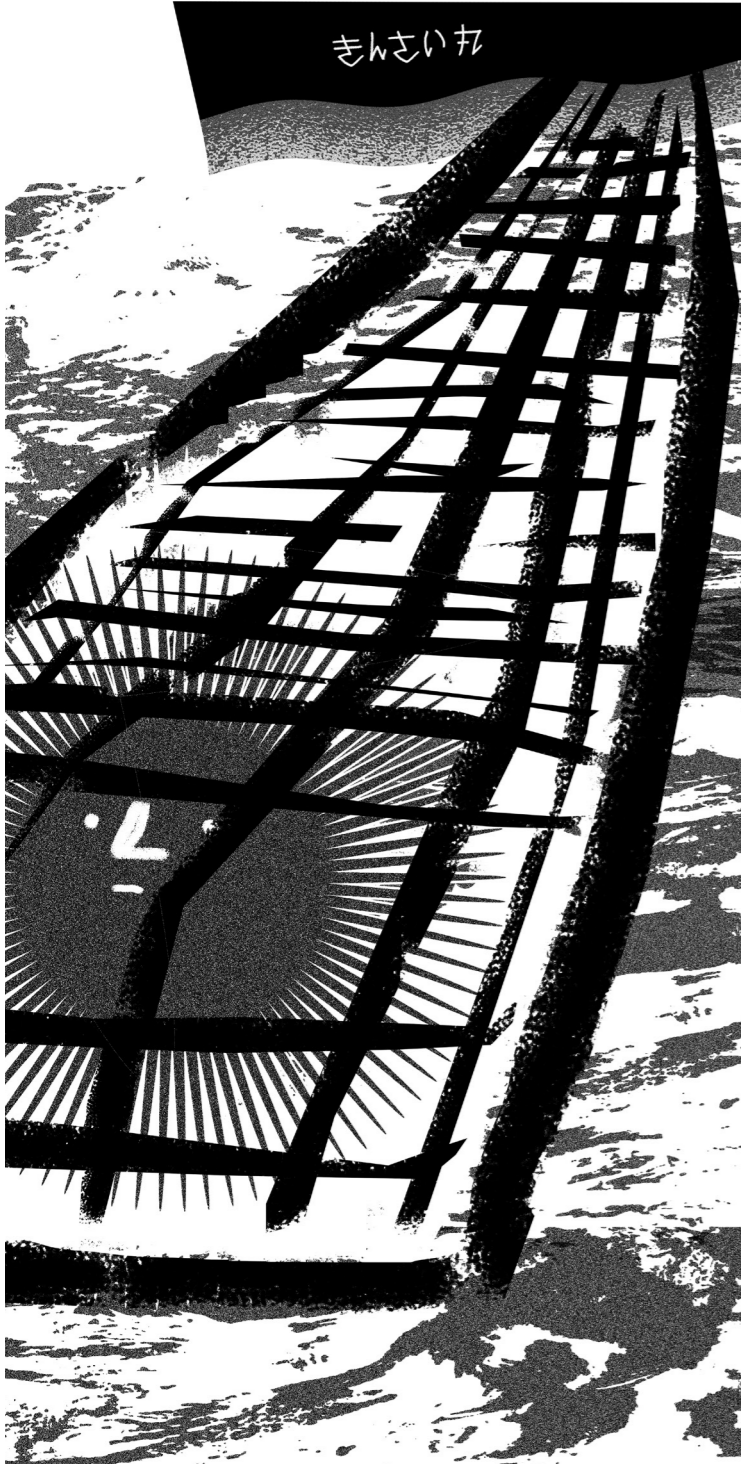
Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: [lerecontar2020@gmail.com](mailto:lerecontar2020@gmail.com)

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grilo

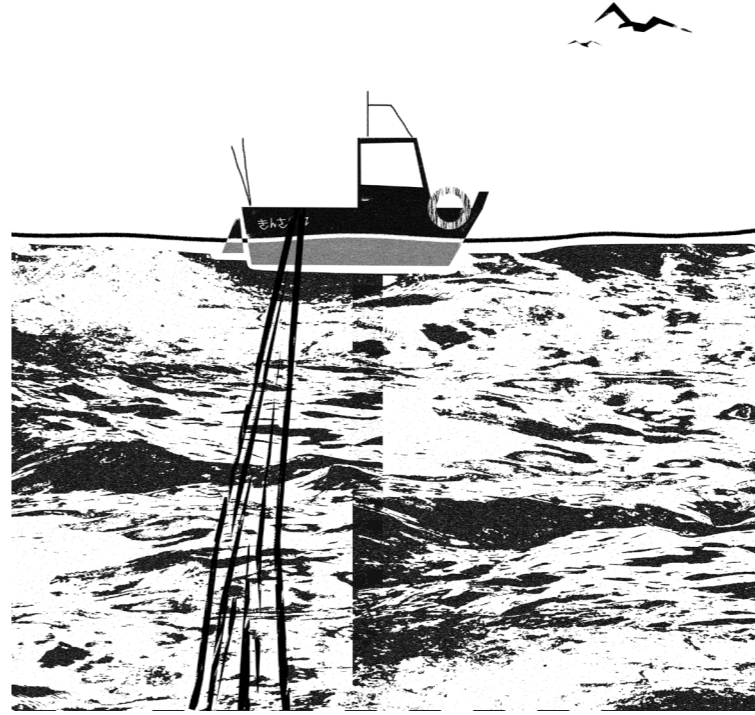
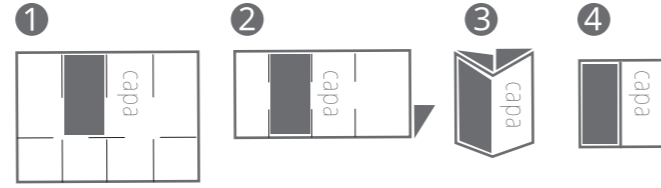
Proibida a venda.



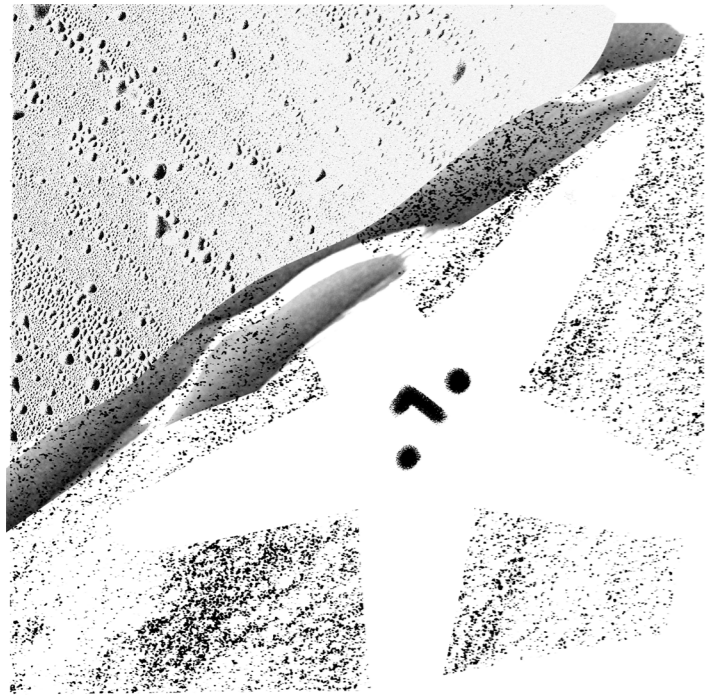
Solitária, a Estrela-do-Mar vagueia no infinito do oceano, embalada pela dança das ondas, sentindo saudades do Ouriço, seu companheiro de brincadeiras de infância, agora preso no porão de um barco vermelho. Até que, um dia, algo muito estranho acontece...



### Instruções de dobragem



Vogando devagarinho, deitada no regaço de uma onda azul, a Estrela-do-Mar deixou-se levar pelo infinito do oceano. Não queria pensar que estava triste, queria sentir apenas a carícia do mar e a música do vento desenhando bordados de espuma branca na crista da onda que a levava, devagarinho, devagarinho... O seu amigo, o Ouriço, tinha sido apanhado numa rede de pescadores e desaparecera engolido pelo olho do porão de um enorme barco, todo pintado



queria esquecer que estava triste e o balanço da onda quase a fazia dormir e sonhar com essas brincadeiras de outros tempos. Quando o balanço da onda parou de repente, a Estrela abriu os olhos, espantada, pois sabia que as ondas do mar não param nunca o seu balanço. Estava deitada, muito quieta, numa areia dourada e quente, beijada suavemente pelas ondas que diziam, baixinho, chuá, chuá, chuá, sempre que estendiam um lençol de espuma na cama de ouro da praia.

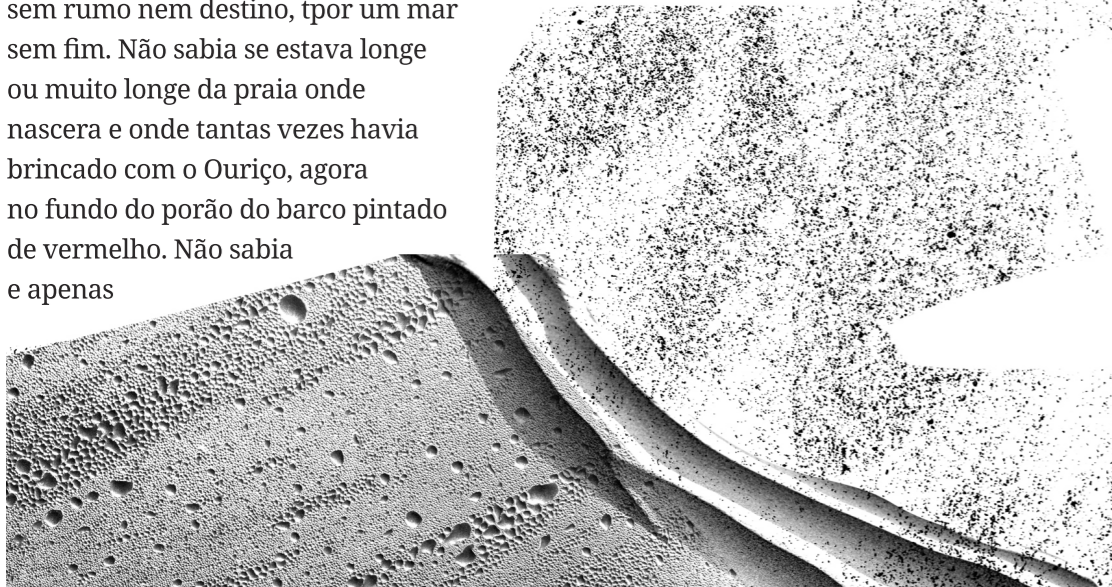
Seria longe, aquela praia? Seria perto? Como poderia a Estrela saber, se não sabia sequer por onde nem para onde a levava a onda onde viajou? E por onde navegaria, agora, o grande barco pintado de vermelho com letras brancas na proa, onde estava, prisioneiro no fundo do porão, o seu amigo Ouriço? Onde estaria o amigo de tantas e tantas brincadeiras nas rochas rendilhadas da praia onde tinham nascido? De onde tinha vindo e para onde iria aquele barco



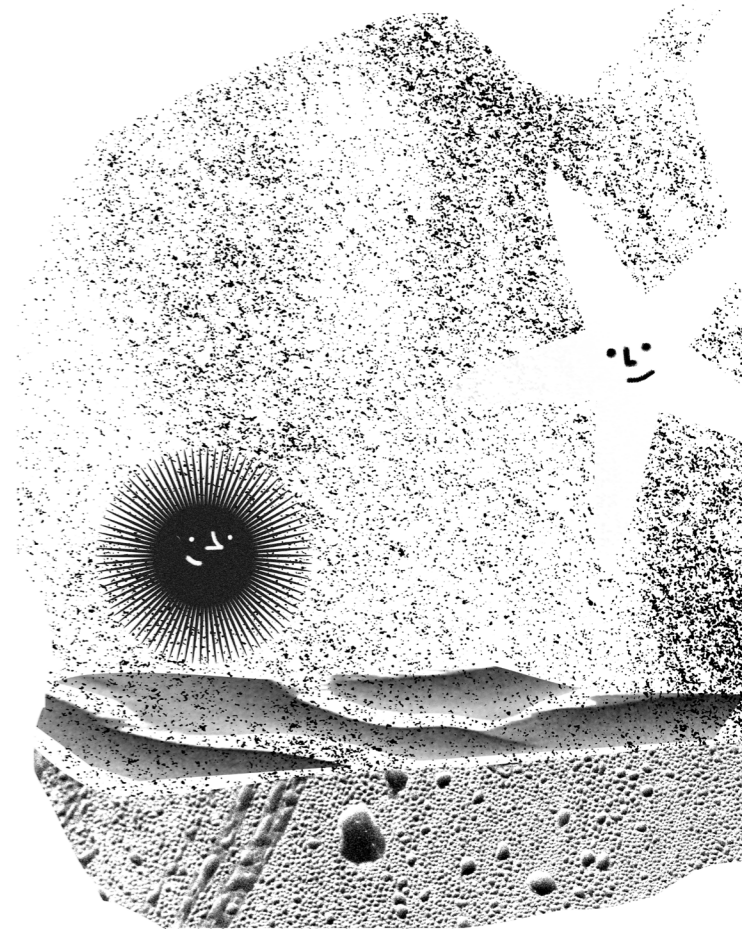
de um grande barco deitado numa praia de areias douradas, morrendo devagarinho, devagarinho, devagarinho... chuá, chuá, chuá... Na praia de areias douradas, uma Estrela que viajou no regaço de uma onda azul, e um Ouriço que viajou fechado no fundo do porão de um barco pintado de vermelho, com grandes letras brancas escritas na proa, brincam, agora, de esconde-esconde, no bordado de espuma das ondas... chuá, chuá, chuá...

de vermelho e com umas letras grandes que alguém escrevera na proa: «Kinsai Maru».

Era por isso que a Estrela não queria pensar na sua tristeza. Era por isso que a Estrela, de olhos fechados, se deixava embalar pelo balanço da onda, sem rumo nem destino, tpor um mar sem fim. Não sabia se estava longe ou muito longe da praia onde nascera e onde tantas vezes havia brincado com o Ouriço, agora no fundo do porão do barco pintado de vermelho. Não sabia e apenas



que tinha na proa palavras brancas escritas numa língua que a Estrela não conhecia? «Kinsai Maru». A Estrela abriu os olhos, não acordou, apenas abriu os olhos porque, mesmo com o balanço da onda onde viajou, não tinha conseguido dormir, embora tivesse sonhado com as brincadeiras do antigamente no rendilhado das rochas, e olhou em volta da praia de areia dourada onde as ondas vinham estender os seus lençóis de espuma, chuá, chuá, chuá. Estava, certamente, a sonhar quando ouviu aquele enorme estrondo. Aquele estrondo enorme abafando, por momentos, o chuá, chuá, chuá das ondas só podia estar a acontecer num sonho, e aquela interminável sombra vermelha que tapava o sol só podia estar a tapar o sol num sonho, e aquelas grandes letras brancas escritas numa língua que não conhecia, ali mesmo sobre a sua cabeça, só podiam estar a ser escritas num sonho: «Kinsai Maru». E depois foi, de novo, chuá, chuá, chuá, as ondas estendendo na cama de ouro da praia os seus lençóis de espuma. Sempre que uma onda vem, de cada vez que uma onda vai, leva um pouco mais das grandes letras brancas que alguém escreveu na sombra vermelha



**Cria aqui  
a tua ilustração  
do conto!  
Digitaliza-a  
e envia-a  
para nós.**